

Esquecidos pela história

Pequenino, Bruno Gonçalves (n. 1976) nada sabia sobre a história dos portugueses ciganos. “Não se falava nisso na escola.” Só se lembra de uma leitura sobre uma menina de tranças pretas junto a uma fogueira. “Dava ideia de que todos os ciganos eram nómadas.”

Em casa, no Bairro do Ingote, em Coimbra, também não havia quem lhe contasse de onde tinham vindo os ciganos, há quanto tempo tinham chegado, que história era a sua. Os pais não sabiam. E os avós, se alguma vez souberam, já não lha podiam contar, já tinham partido.

No 8.º ano, deixou a escola. “Era o único cigano da turma.” A escola não lhe parecia lugar para rapazes iguais a si. Esses já estavam a trabalhar. Bruno ia fazer o mesmo. Já ajudava os pais a vender roupa no Mercado D. Pedro V. “Ia ser um cigano como os outros. Ia viver da venda ambulante. Mais um ano ou dois, ia formar uma família. Não acreditava que no outro lado havia espaço para mim.”

Licenciado em Animação Socioeducativa e vice-presidente da Letras Nómadas, Bruno ajuda jovens ciganos “a concretizar os seus sonhos”. Paulo Pimenta

Mas o país começou a investir mais na educação, na formação profissional, no combate à pobreza. Perante o desafio de cursar Electricidade, Bruno e outros rapazes ciganos tornaram à escola. Com uma componente técnica e outra geral, fazia o 3.º ciclo do ensino básico por unidades capitalizáveis. Não se tornou electricista, mas percebeu que outro mundo era possível. Co-fundou a Associação Cigana de Coimbra (nascida em 1998 e registada em 1999), de que foi primeiro presidente. E desenvolveu o primeiro projecto de mediação na Escola Básica de Ingote.

Ia buscar crianças a casa. Explicava-lhes as regras da escola. Envolvia as famílias. Elucidava os professores sobre costumes ciganos. Nessa missão, pôs-se “à procura de textos mais positivos”. Leu o que lhe veio às mãos. Começou a escrever *A História do Ciganinho Chico*, um conto infantil protagonizado por um rapaz de 9 anos que, questionado pela professora sobre a origem do seu povo, recorre ao avô.

O livro foi editado em 2011 com apoio da EAPN-Portugal e da Fundação Calouste Gulbenkian. E reeditado em 2021, com ilustrações da artista multidisciplinar cigana Natália Serrana (n. 1995), num projecto da Ribalta Ambição – Associação para a Igualdade de Género nas Comunidades Ciganas, financiado pelo Fundo de Apoio à Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas. Pelo caminho que foi desbravando, Bruno tornou-se referência. Hoje, licenciado em Animação Socioeducativa, ajuda jovens ciganos “a concretizar os seus sonhos”. É vice-presidente da Letras Nómadas, parceira do Estado no programa de participação comunitária Romed e no programa de promoção da educação OPRE. E não se cansa de ensinar história e cultura ciganas.

O seu novo livro chama-se *Conhece-me antes de Me Odiar – Notas sobre História e Cultura Cigana* (2023) e também é editado pela Ribalta Ambição, dirigida pela cunhada, Tânia Oliveira, e pela mulher, Marisa Oliveira. “É um título provocador.” É um modo de chamar mais pessoas, desta vez crescidas, para esta história. “É uma história com muita perseguição, mas deixa transparecer muita resistência e muita resiliência.”

Conhecer a história “ajuda a perceber as assimetrias do presente”. “Falar na cultura também é importante para se perceber que há mais em comum do que se pensa, que não somos assim tão diferentes.”

<https://www.publico.pt/2023/06/23/infografia/portugueses-ciganos-forjou-cultura-resistencia-774>